

Cada cultura no seu galho

DF. Cultura



Montada a nova estrutura administrativa da Secretaria de Cultura, Laís Aderne promete empossar o Conselho eleito pela comunidade e garante deixar a máquina pronta para a ação. Convênio da 508 Sul vai ser assinado amanhã.

Geraldinho Vieira
Editor do Caderno 2

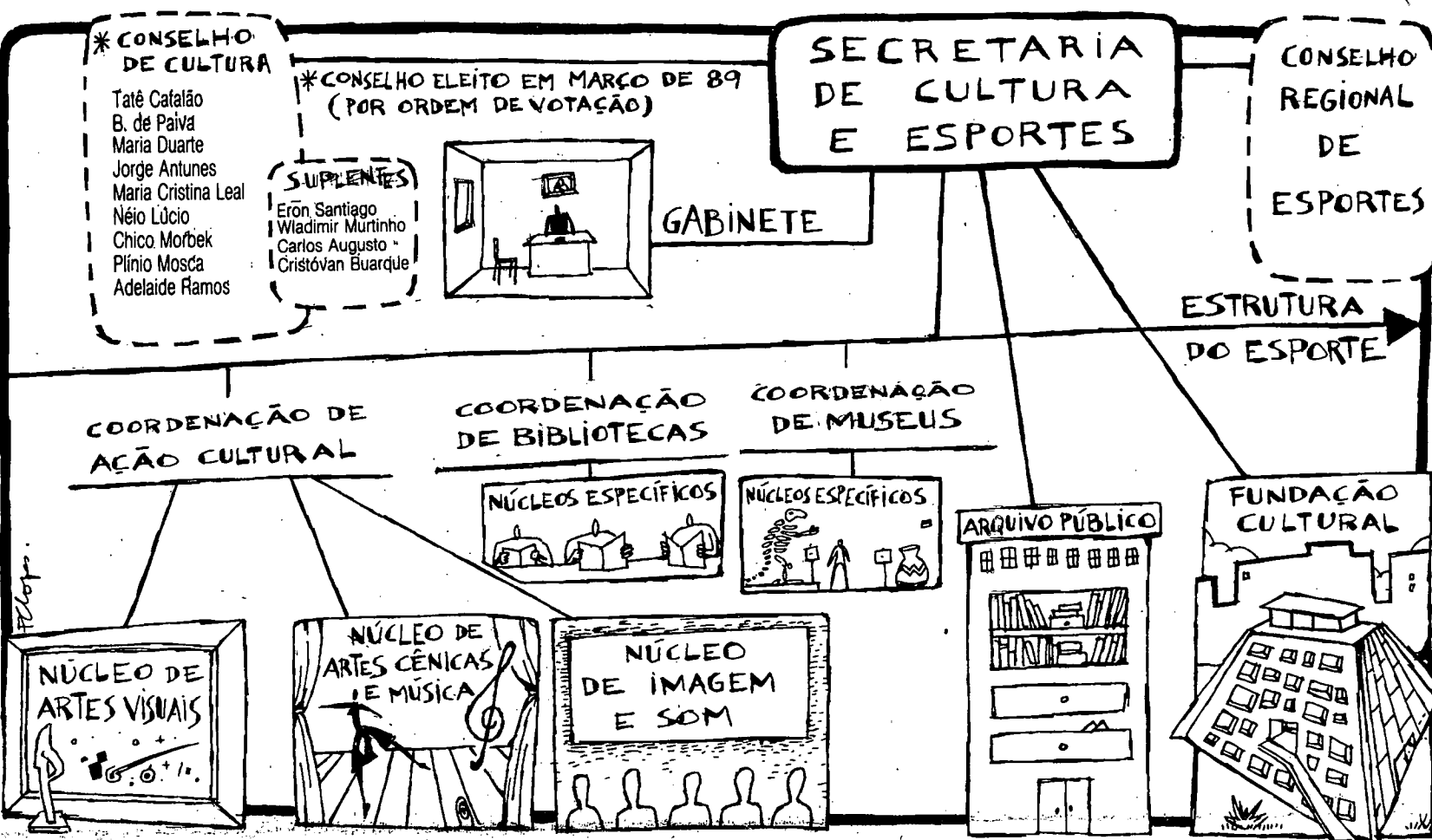
Se depender dos esforços técnico-burocráticos da equipe de apoio da Secretaria de Cultura e da vontade política da secretária Laís Aderne, antes mesmo do carnaval a cidade entra em trabalho de parto. Um sonho de muitos anos pode se viabilizar no início de fevereiro, com uma convocação para que artistas e "fazedores da cultura local" empossam as pessoas que irão compor o Conselho de Cultura do Distrito Federal. Elas foram eleitas no ano passado em seminário que reuniu a classe (ver quadro).

"O Conselho que estamos propondo ao GDF — garante a secretária — tem o modelo e os nomes propostos pela comunidade, mas pode até mesmo ampliar-se, com eleição de mais integrantes. Qualquer que seja o resultado dos estudos técnicos para esta formação, vamos manter a proporção indicada pela classe, onde a maioria absoluta dos integrantes é eleita pela cidade, e parte menor será de representantes indicados pelo próprio governo".

Braços fortes

Como está acontecendo com todas as outras Secretarias do GDF, uma comissão, diretamente ligada ao governador Joaquim Roriz (para análise de reestruturação da máquina oficial) receberá até o final desta semana proposta detalhada para um novo organograma de Cultura e Esportes. Este trabalho, que requer detalhado aprofundamento técnico, vem sendo realizado para a Secretaria pela pedagoga (com especialização em recursos humanos e administração), professora Miriam Millo; e equipe. Nos últimos meses foi feita uma revisão em todos os quadros da estrutura administrativa da cultura local, ouvidas experiências de órgãos afins da esfera federal e de secretarias de outros estados, sobretudo aquelas que têm traçado um caminho mais democrático nas decisões e de maior agilidade na atuação.

A administração das questões ligadas ao esporte (desde outubro parte da mesma estrutura) tem forte autonomia, inclusive quanto à captação de recursos, e não assusta a secretária Laís Aderne: "Quando fui empossada a união das duas áreas já estava estabelecida, porque a Fundação de Planejamento procurou evitar a vinculação do Esporte com a Educação por ser a última uma máquina já grande demais e com problemas de ordem absolutamente prioritária para a



cidade. Cultura e Esportes estão administrativamente juntas por uma simples questão de ajuste das estruturas administrativas, mas a união não representa a criação de um elemento branco a interesses práticos distintos".

Se a maior novidade no organograma a ser ainda aprovado pelo GDF é a criação efetiva do Conselho de Cultura, outras estruturas estão também criadas (ver quadro). Na área denominada "Coordenação de Ação Cultural", aparecem núcleos para artes visuais, artes cênicas, música, imagem e som. Da mesma maneira, cria-se a "Coordenação de Bibliotecas" (área que ganhou destaque na curta administração de um ano e dois meses de Laís Aderne), com núcleos para coordenação do sistema, para a dinamização das atividades e para trabalho junto às bibliotecas públicas. Igualmente, nasce a "Coordenação de Museus", com núcleos para comunicação, projeto e pesquisa, apoio técnico.

Não é preciso muito esforço para perceber que o novo organograma descentraliza, finalmente, as decisões oficiais e também finalmente di-

minui os poderes (sempre sob o risco do despotismo) tanto da figura do secretário de Cultura quanto do diretor executivo da Fundação Cultural. Divergências administrativas entre estes setores e ideológicas entre os nomes que ocuparam estes cargos ao longo de nossa história sempre foram responsáveis pela absoluta descontinuidade dos projetos na área.

Linha política

Preocupada em deixar pronto para o próximo governo uma estrutura convincente e capaz de pleitear a necessidade de continuidade, Laís Aderne define as funções da nova estrutura: "O Conselho legisla, aprova, fiscaliza e garante a implementação de uma política de cultura. A Secretaria desenvolve os programas, elaborando as linhas de ação norteadas pela política ditada pelo Conselho, dando-lhe respaldo técnico. A Fundação Cultural, com assessorias recreativas (elas foram dinamizadas pelo maestro que desafiou os instrumentos de ação cultural da cidade), faz o contato direto com a comunidade, diagnosticando intenções e desejos, faz o trabalho na rua".

Depois de um ano à frente da Secretaria de Cultura, Laís Aderne compreende que a comunidade artística possa queixar-se de ações mais explícitas na área cultural, ações que não mereceram mais de 20% da atenção e dos esforços de sua equipe. Aconteceram o Festival Latino-Americano (Flaac), o Festival de Cinema; e pequeno apoio a eventos sem grande custo. "Foi um período — diz Laís — em que fomos obrigados a dar prioridade à arrumação da casa. Com as estruturas políticas e administrativas que encontramos seria impossível fazer no presente ou no futuro qualquer ação de caráter mais próximo ao que ideologicamente nossa equipe e a cidade pretendem ver acontecendo. As estruturas físicas das salas estavam abaladas, as funções administrativas sobrepostas e sempre favorecendo a discórdias e divergências de interesses, os funcionários — sem plano de carreira e sem aperfeiçoamento técnico — insatisfeitos. Decidimos complementar o diagnóstico iniciado pelos seminários que reuniram a comunidade e vamos chegar ao final deste governo com um mapeamento profundo de todas as nos-

sas estruturas, com boa parte delas pronta para funcionamento e com orçamentos e organogramas de trabalhos pormenorizados. Reestruturamos a administração dos museus e das bibliotecas e nas cidades-satélites, onde a comunidade caminhava com suas próprias pernas, foi possível acrescentar novas estruturas a seus trabalhos, como por exemplo em Planaltina. A ideia das Casas de Cultura irá se desenvolver no próximo governo, mas estamos deixando algumas possibilidades concretas em termos de espaços físicos disponíveis. Taguatinga e Ceilândia eram, neste sentido, um grande desafio; mas embora tenhamos recebido muitas queixas, estas comunidades não tiveram vontade de organização o suficiente para que elas próprias desencadeassem este processo. As Casas de Cultura são um espaço mais conceitual que físico. Não tínhamos intenção de fazer uma administração cheia de inaugurações apoteóticas. Não queríamos dar "curativos" à cidade: vamos entregar estruturas que, aí sim, poderão ser utilizadas para que a cidade passe a ter e fazer o que sempre quis".